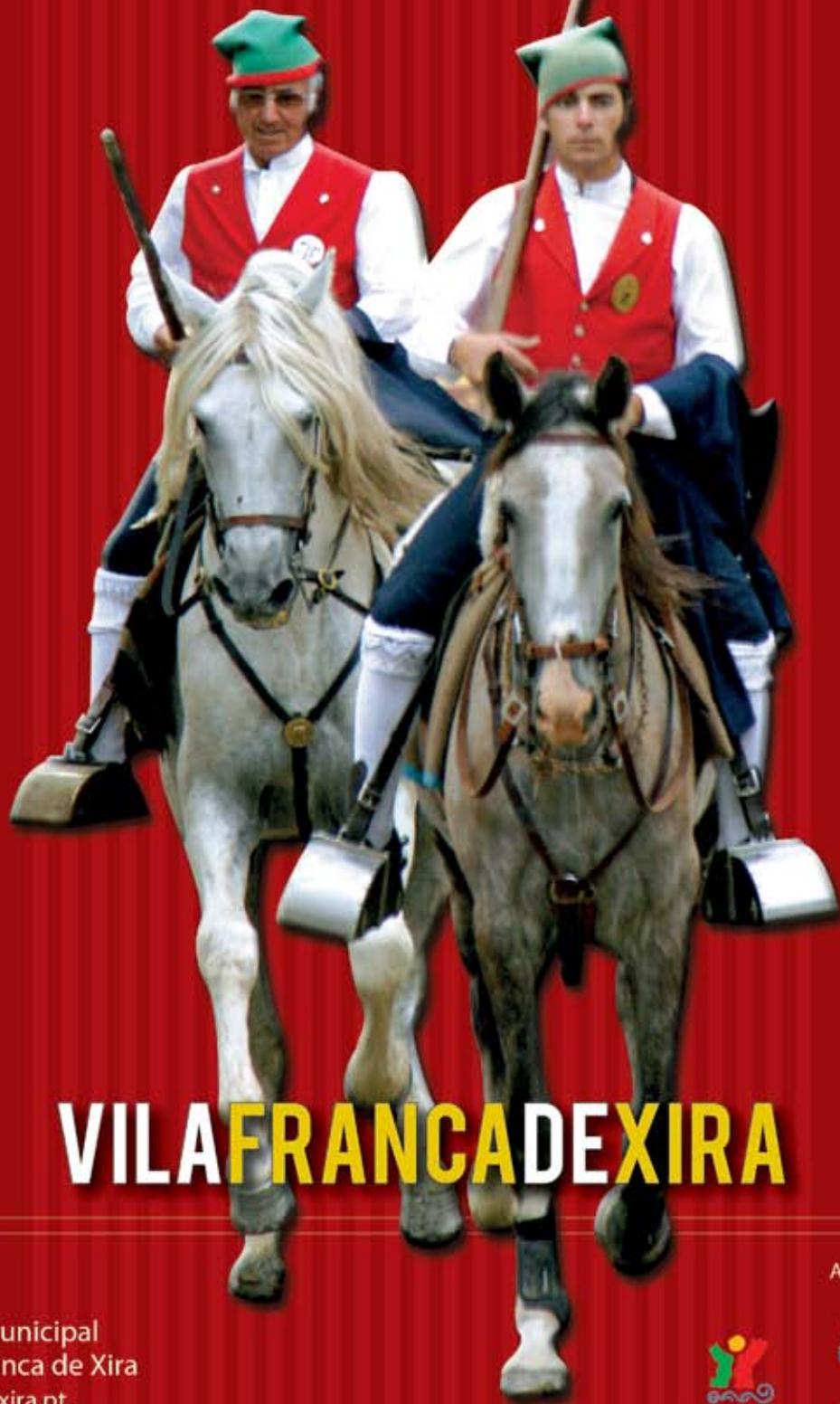


COLETE ENCARNADO

4.5.6 JULHO '14



VILA FRANCA DE XIRA

Organização:



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

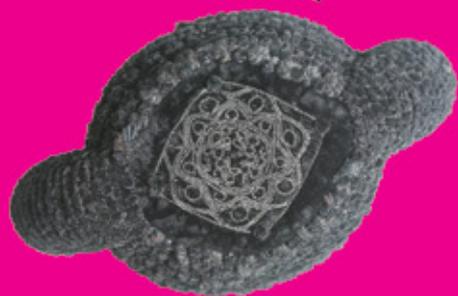
Apoio:



Comissão Organizadora do Turismo
de Vila Franca de Xira



XXV Semana da Cultura TAUROMAQUICA



28 JUNHO a 3 JULHO' 14
Vila Franca de Xira

{ Tertúlias Francas }

Numa iniciativa da Confederação de Tertúlias do Concelho de Vila Franca de Xira, algumas Tertúlias estarão de portas abertas, para acolher visitantes, durante a realização da XXV Semana da Cultura Tauromáquica.

Entre as 18h00 e as 21h00, de acordo com a seguinte calendarização:

30 de junho }

Tertúlia "O Buraco"; Tertúlia "Amigos do Dedal e do Tinto"; Tertúlia "O Bombeiro Aficionado".

01 de julho }

Tertúlia "Festa Brava"; Tertúlia "Os Foras e os Bravos"; Tertúlia "O Garraio".

02 de julho }

Tertúlia "Fortunato Simões"; Tertúlia "A Fornalha".



Visite a Casa-Museu Mário Coelho

Tranqueira do Alentejo, n.º 3 | Vila Franca de Xira
Tel: 266 273 929 | Coordenadas: 39° 57' 21,00" N | 8° 59' 23,99" W
Horários: 3.ª e 6.ª Feia, 9h30-12h30 e 14h00-17h30,
sábado e domingo, 14h00-17h30.

Aberto ao público no fim de semana do Colete Encarnado e nos fins de semana de Festa Anual. Encerrado aos feriados e de 1 a 13 de agosto.

27 de junho - 6.ª Feia

21h00 } 6.ª *Peddy Paper* Taurino
Concentração no Largo da Câmara, em Vila Franca de Xira. Organização do Clube de Campismo de Vila Franca de Xira, "As Sentinelas".

28 de junho - sábado

10h00 } Demonstração de Toureiro de Salão pelos alunos da Escola de Toureiro José Falcão Largo da Câmara

11h00 } Missa em memória da Exma. Sr.ª D.ª Maria Vitória Lourenço Lopes - Madrinha do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, seguida de ida ao Cemitério para deposição das suas cinzas, junto ao Mausoléu do Forcado Ricardo Silva "Pitô". Igreja da Misericórdia

12h00 } Apresentação da obra de remodelação do Mausoléu de Ricardo Silva "Pitô". Cemitério de Vila Franca de Xira

16h30 } Inauguração da exposição "A Tauromaquia nas Gravuras de Francisco Goya" (gravuras de motivo tauromáquico da autoria do artista espanhol Francisco Goya). Apontamento musical pelos músicos que acompanham a fadista Margarida Arcanjo: Mário Rico - guitarra acústica; Inês Santos - guitarra acústica; Gonçalo Costa - guitarra baixo; Paula Morais - percussão. Núcleo Museológico do Mártir Santo

18h00 } Inauguração da exposição "José Falcão.1942/1974"
Atuação da fadista Margarida Arcanjo: "Tributo a José Falcão". Celeiro da Patriarcal

29 de junho - domingo

10h00/21h00 } Tertúlias na Rua. Animação musical ao longo de todo o dia. Mostra de artesanato, pelos artesãos do concelho de Vila Franca de Xira. Jardim Municipal Constantino Palha

17h00 } Novilhada, a promover pela Escola de Toureiro José Falcão, com 4 novilhos de São Torcato. Novilheiros: Juan Carlos Benitez (Escola de Tauromaquia de Málaga); Francisco Morales (Escola de Tauromaquia de Málaga); João Martins (Escola de Toureiro José Falcão); Pedro Noronha (Escola de Toureiro José Falcão). Tentadero do Cabo da Lezíria

30 de junho - 2.ª Feia

17h30 } Visita à Herdade da Adema - "Ganadaria Palha" - para observação dos toiros que irão fazer as esperas no Colete Encarnado, em Vila Franca de Xira. Lugares limitados e sujeitos a marcação prévia no Posto de Turismo Municipal.

21h30 } Colóquio "Tauromaquia, uma expressão cultural ao alcance de todos". Oradores: Maestro Vitor Mendes (Escola de Toureiro José Falcão); Ricardo Castelo (Cabo dos Forcados Amadores de Vila Franca de Xira). Moderador: Sérgio Perilhão (Investigador/Crítico Taurino - Clube Taurino Vilafranquense). Auditório do Celeiro da Patriarcal

1 de julho - 3.ª Feia

17h00 } Treino de Forcados, pelo Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira Largo da Câmara Municipal

21h30 } Colóquio "Expressões da Tauromaquia Popular em Portugal" Oradores: Luís Capucha (Sociólogo /Professor Universitário); Maurício do Vale (Crítico Taurino). Moderador: João Ramalho (Museu Municipal de Vila Franca de Xira) Auditório do Celeiro da Patriarcal

2 de julho - 4.ª Feia

17h00/20h00 } Mostra de Artesanato, pelos artesãos do concelho de Vila Franca de Xira Largo da Câmara Municipal

21h30 } Colóquio "José Falcão, o Homem e o Toureiro". Oradores: Fernando Palha (Ganadero); Armando Soares (ex-matador de toiros); Carlos Alberto Carrilho (aficionado/amigo pessoal de José Falcão). Moderador: João Mascarenhas (Crítico Taurino) Auditório do Celeiro da Patriarcal

3 de julho - 5.ª Feia

17h00 } Atuação do Grupo de sevilhanas "Volando Voy", by Sevilhanas.Com Largo da Câmara Municipal

20h00 } Jantar das Tertúlias
Atuação dos Fadistas de Vila Franca de Xira Mercado Municipal de Vila Franca de Xira



Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira



Clube de Campismo de Vila Franca de Xira "As Sentinelas"



Clube Taurino Vilafranquense



Escola de Toureiro José Falcão





Alberto Mesquita

Presidente
da Câmara Municipal

Colete Encarnado 2014

Editorial

O calor dos meses de verão traz a Vila Franca de Xira a celebração da cultura tauromáquica, uma identidade bem viva no coração de cada aficionado. Exposições, colóquios, espetáculos musicais, demonstrações de toureio, são muitos os motivos de interesse para todos quantos queiram juntar-se a nós na Semana da Cultura Tauromáquica. Deixo uma referência especial à Exposição "José Falcão", que está patente desde o dia 28 de junho no Celeiro da Patriarcal. Esta grande figura do toureio, que levou longe o nome de Vila Franca de Xira, é a figura central de uma retrospectiva biográfica que marca a sua presença num dos mais bonitos espaços expositivos do nosso Concelho.

Chegados a julho, o tempo continua a ser de festa. O Colete Encarnado, Festa Maior do Concelho de Vila Franca de Xira celebra as nossas mais antigas tradições, a nossa ligação ao campo e aos toiros, mas celebra também e sobretudo a figura do Campino, que transforma o seu trabalho e sentimento na referência cultural de toda uma região.

Esta é altura do ano em que damos as boas-vindas a milhares de pessoas que têm em Vila Franca de Xira ponto de paragem obrigatório. A animação encontra-se a cada canto da cidade, as esperas de toiros e a noite da sardinha assada dão o mote para muitas horas de convívio, cumplididades, alegrias. De tudo isto se faz o Colete Encarnado, a par de uma diversificada programação cultural e musical que também se faz sentir em muitos locais carismáticos.

Todos os momentos que integram esta Festa trazem consigo a nossa marca: Vila Franca de Xira é uma terra de identidade forte, de espírito empreendedor, de vontades positivas. Por isso, temos todo o prazer em vos receber, para festejar connosco. Bem-vindos a Vila Franca de Xira!

DESTAQUES

SEXTA - FEIRA 4 DE JULHO

18h00 - **Espera de Toiros seguida de Largada**
20h30 - **Missa Rociera** na Igreja Matriz, com o Coro Rociero "Puente Real", seguida da atuação de fadistas de Vila Franca de Xira

Palco da Av. Pedro Victor

23h00 - **Expensive Soul & Jaguar Band**
01h00 - **Box Band & The Disco Funk Project** (Músicos do Concelho, com Sertório Calado, Tó Andrade, Telmo Lopes, Paulo Carvalho, José Martins, João Raquel, Pedro Azevedo, Paulo "Alrito" Rosa, Jorge Simões, Nuno Duarte)
03h00 - **DJoana**

SÁBADO 5 DE JULHO

09h00 - Feira de Velharias, Colecionismo e Artesanato Urbano (Jardim Municipal)
10h00 - Concentração de Campinos e Deposição de uma coroa de flores no Monumento ao Campino (Av. Pedro Victor)
10h30 - Corridas de Campinos (Praça de Toiros Palha Blanco)
16h00 - Homenagem ao Campino na Praça Afonso de Albuquerque (Largo da Câmara)

18h30 - **Espera de Toiros seguida de Largada**

22h30 - Noite da Sardinha Assada (nos postos públicos - R. 1.º de Dezembro, R. Almirante Cândido dos Reis, R. Serpa Pinto)

Palco da Av. Pedro Victor

22h30 - Concerto com **Berg** (vencedor do programa televisivo Factor X).
00h00 - **David Antunes & The Midnight Band** convidada especial **Vanessa Silva**
03h00 - **Banda de Música HI-FI**
02h00 - Garraizada da Sardinha Assada (Praça de Toiros Palha Blanco)

DOMINGO 6 DE JULHO

10h30 - **Espera de Toiros seguida de Largada**
Das 14h00 às 20h00 - **Transmissão do programa televisivo "Somos Portugal" (TVI) a partir do Jardim Municipal Constantino Palha, Vila Franca de Xira**
18h00 - Corrida de Toiros (Praça de Toiros Palha Blanco)

Palco da Av. Pedro Victor

22h00 - Espetáculo "**Raízes**" - Fado com **Diamantina, Cante Flamenco** com **Joaquim Moreno** e **Fadistas de Vila Franca de Xira**
Encerramento
24h00 - Fogo-de-artifício (Rio Tejo)

Pampilho de Honra

Maximiano de Jesus Moreira

60 anos ao serviço do campo



Na próxima tarde de 5 de julho, na 82.^a edição do Colete Encarnado, estará empunhado na mão direita do Campino Homenageado, o Pampilho de Honra, cujo nome inscrito, este ano, será o de Maximiano de Jesus Moreira. Os seus companheiros de ofício, num tributo póstumo, expressam o seu orgulho na pessoa e no contributo que este deu à figura ímpar do Campino.

Nascido em Samora Correia, concelho de Benavente, a 19 de julho de 1936, Maximiano de Jesus Moreira trocou cedo as sebentas e os lápis pelo campo, não foi à escola. A sua cartilha foi outra, aos oito anos começou a trabalhar como anojeiro na casa Júlio Borba, seguindo as pisadas do pai e dos irmãos mais velhos. Do patriarca da família, Joaquim Bernardino, campino (tralhoeiro) e da mãe, também ligada ao campo, herdou o gosto pela liberdade da Lezíria. Esta conheceu-o bem, mas Maximiano veio a conhecê-la ainda melhor. Esta extensa planície aluvionar foi a sua principal casa. O terceiro de quatro irmãos (três rapazes e uma rapariga) acompanhou desde cedo o pai, nas árduas tarefas rurais. Completos os 14 anos foi para os alqueives tocar as charruas puxadas pelo gado de trabalho, carregar trigo, trabalhar em funções que lhe cabiam, diariamente, desde que o sol nascia até às últimas exigências inerentes ao campo. Anos depois, Maximiano (todos o conheciam por este nome) ingressou, por um ano, na

Casa Moreira Rato como maioral das vacas bravas, onde teve os primeiros contactos com o gado bravo. Mas, vendida a vacada, retornou à Casa Borba e aos trabalhos de campo durante dois anos, tarefas essas que não lhe eram tão estimulantes quanto lidar no meio dos toiros. Entrou, posteriormente, na Companhia das Lezírias até ser chamado a cumprir serviço militar, corria o ano de 1956. No regresso entendeu que tomar conta dos garraios mansos não era o que mais ambicionava (como contra maioral) e partiu para trabalhar à jorna. Esteve cinco anos na Casa Jorge Porto, como maioral das vacas bravas. Prosseguiu depois para a Casa Alves Inácio, onde continuou a exercer como maioral das vacas bravas e, mais tarde, foi trabalhar às ordens de José Lico como maioral de toiros. Seguiu-se o convite para a Casa Manuel César Rodrigues onde desempenhou, durante dois anos, a função de maioral de éguas, tomando depois o comando da ganadaria brava desta Casa Agrícola. Foi aqui, na Lezíria Vila-Franquense,



numa zona denominada Trinta e Oito Moios, que trabalhou cerca de 40 anos, no que mais gostava de fazer: no campo ou na charneca, a lidar com a bravura.

Não é, portanto, de espantar que tenha acumulado alguns episódios perigosos, reproduzidos ainda em vida, e aos quais contou reagir de forma destemida e aguerrida. Felizmente sem nunca padecer de um acidente grave.

Participou no Colete Encarnado durante anos. A família recorda quando dizia que “festa como aquela não havia igual”. Teve um cavalo do qual falava sempre, o “Boneco”, com que fez grandes esperas em Vila Franca de Xira, dizia ser “excelente, ia para cima dos toiros parecia um cavalo de toureio”. Foi, durante muito tempo, o seu companheiro na casa Manuel César.

Este campino terminou o seu ofício na casa Herdeiros Jorge Casquinha, junto à salina de Saragoça na Ponta da Erva, aos 69 anos.

Ao longo do seu percurso de vida encontrou Maria Luísa Conceição, com quem casou e criou dois filhos, ambos forçados amadores já retirados: António Moreira, conhecido por António Maximiano e José Moreira. A família e todos quantos o conheceram recordam um homem sério, sábio, de conversa espontânea e muito respeitado por todos.

Quis o destino que Maximiano partisse, no dia 21 de janeiro deste ano, após uma paragem respiratória. Tinha 77 anos de vida e quase os mesmos nas artes do campo.

Homenageado na sua terra natal, em agosto de 2013, Vila Franca de Xira e os seus pares de profissão prestam, este ano, um merecido reconhecimento póstumo a Maximiano, nos Paços do Município, num momento solene, cujo brilho transformou-o numa referência da tradição Ribatejana.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografias gentilmente cedidas
pela família de Maximiano de Jesus Moreira

Tertúlia

O 1.º TÉRCIO

Fruto de uma carreira dedicada à crítica taurina, a tertúlia 1.º Tércio encerra nela, pelas memórias e mãos de João Mascarenhas, provas vivas da história da arte e cultura tauromáquica.



Retrato de uma vida

O primeiro passo para a grande caminhada (primeiro momento da lide) foi o mote e a própria designação de projetos profissionais, uma tertúlia em Vila Franca de Xira, e toda a vida do jornalista, crítico taurino e apoderado de toureiros, João Mascarenhas. Para o fundador desta tertúlia descrever este espaço é relatar a sua vida. Desde logo, o nome com que a batizou: 1.º Tércio, o mesmo do jornal que fundou e do seu próprio programa de rádio, uma vez que considera necessária a aprendizagem para evoluir e preconizar uma grande jornada, em qualquer matéria da vida. Com sede no escritório da sua casa, João Mascarenhas conta-nos como fundou a sua tertúlia em 1979, fruto do enquadramento da sua vida profissional, intrínseca à pessoal. Da sua vida fizeram parte o jornal "O Dia", as Rádios Renascença, Comercial, Iris e Ribatejana, assim como o Clube Taurino Vilafranquense, a gestão da centenária Praça Palha Blanco (nomeado por empresas para

temporadas) e seis anos à frente da Praça do Campo Pequeno, até que uma cirurgia ao coração o afastou do exigente tauródromo. Nome reconhecido na imprensa taurina, no País e além-fronteiras, este jornalista tem na cultura e espetáculo tauromáquicos a sua história de vida.

Do mundo para o Bairro do Paraíso, João Mascarenhas traz na memória e na bagagem recordações que vem acumulando com grande estima. Explica-nos que, para mostrar o espólio que mantém no seu escritório, seriam necessárias duas semanas para falar de objetos, pinturas e recortes de jornais. Agora que, há cerca de um ano, passou a sua tertúlia para a cave, no mesmo prédio onde reside, tem mais espaço e condições para a patuscada e convívio. Para decorar o espaço não houve falta de peças com história, doou inclusive, a amigos, diversas fotografias e cartazes da sua coleção de cartéis, contribuindo, assim, para o espólio de outras tertúlias da cidade que adotou como sua.

De conversa sábia, contida mas muito apaixonada pelo universo taurino, João Mascarenhas recorre aos artigos de títulos de imprensa internacional guardados, onde outros jornalistas mencionam elogiosamente os seus comentários enquanto crítico taurino. Prefere mostrar para não nos parecer um auto-elogio, ou não recorresse frequentemente nas suas palavras ao termo humildade que, para si, deve ser uma característica a ter em conta nas várias vertentes da nossa vivência. Aprender e evoluir foi sempre o seu lema. É fácil perceber, nas colunas jornalísticas, que lhe é reconhecida autoridade na matéria pela vasta experiência em corridas de toiros um pouco por todo o mundo.

Enquanto percorremos as estantes, reveladoras de uma vida cheia, viajada, chamam a atenção fotografias onde se destaca o aspeto majestoso de movimentos na arena e rostos inundados de emoções. A descrição dos momentos presenciados, quer sob a forma de crítica quer através de uma fotografia são o forte desta tertúlia. Cartazes, troféus e medalhas decorrentes dos seus trabalhos como, a título de exemplo, o Prémio da Temporada Taurina de 2008, menções à organização de festivais e homenagens como a de Mestre Baptista. Pinturas e gravuras pontuam as paredes, lenços tertulianos, dedicatórias, ilustrações, ofertas



e bilhetes guardados de espetáculos taurinos internacionais recheiam gavetas e armários. João Mascarenhas contabiliza cerca de 12 000 fotografias e 600 horas de filme, documentários escritos por si e milhares de horas gravadas dos seus programas radiofónicos, onde é descrito o brilho e o esplendor de brilhantes carreiras da arte tauromáquica.

Um verdadeiro compêndio no que à Arte e Cultura Tauromáquica diz respeito, a cada imagem surge uma recordação e, logo atrás, uma história, mas uma daquelas vividas ou presenciadas e por si comentadas em páginas de jornais, programas de rádio e até na televisão espanhola onde, durante três anos, chefiou uma equipa. Provavelmente, muitos dos episódios foram produto do seu livre-trânsito nas praças, o que lhe permitiu avaliar e descrever momentos mais e menos conseguidos.

Repletas de memórias, as paredes mostram grandes figuras e momentos do toureio a nível mundial. É passar em revista as carreiras dos matadores de toiros mexicanos Rafael Carmona e José Jesús Sánchez, do espanhol José Maria Manzanares, entre muitos que “pagam a vida em cada espetáculo, não enfrentam só a fera mas os seus próprios medos”, explica-nos João Mascarenhas como se o visualizasse, fruto da sua experiência. Mas, engana-se quem pensa que tudo neste espólio se resume aos que exercem a Arte. Muitos conhecimentos e amizades noutras áreas se travaram, tendo de alguma forma como elo a tauromaquia. Eusébio, Padre Melícias e até Nat King Cole, que conheceu na Venezuela,

surgem em fotografias com o crítico taurino.

Ainda que situada fora do centro da Cidade, esta tertúlia recebeu já, além de curiosos e forasteiros, grandes nomes da tauromaquia mundial. Acolheu na sua casa, por dois anos, uma figura lendária, “El Pana”, que se retirou já septuagenário e de quem possui um arquivo memorável de fotografias, onde ficaram gravados movimentos sublimes mas, também, costuras e mazelas de fortes colhidas.

Elevar a cidade e a sua riqueza

Octogenário e nascido em Constância, João Mascarenhas sentiu-se, desde sempre, Vila-Franquense. Apaixonado pela identidade do Concelho vê o Rio Tejo e as suas margens como a maior riqueza, outrora usufruída e agora, explica, com o seu potencial longe de maximizado como gostaria de voltar a ver. Defende, embevecido, que este curso de água é o maior produto turístico Vila-Franquense, local privilegiado para práticas comerciais, de cultura e recreio, que pode contribuir para a valorização económica e, conseqüentemente, para o processo de desenvolvimento turístico concelhio.

Este veterano da escrita taurina defende que é da sua autoria o *slogan* “Vila Franca de Xira não é melhor nem pior, é diferente”, tantas vezes pronunciado para falar da Cidade. Fica até pesaroso quando outros tentam puxar a si esta autoria e também daquela



que considera a origem da Noite da Sardinha Assada, no sábado de Colete Encarnado. Conta que, numa ação de *marketing*, quando era apoderado de Mário Coelho, proporcionou aos lavradores, campinos, aficionados e tantos outros convidados, um evento, cuja base foi uma grande sardinhada que resultou num convívio, como que uma ação de charme para cativar as atenções para o seu protegido. Tratava-se da véspera da apresentação na Praça Palha Blanco de Mário Coelho. Conta que, a partir daí, um comerciante, mais especificamente de um restaurante, achou por bem perguntar-lhe se se importava que fizesse para o seu estabelecimento uma ação semelhante, para atrair mais comensais, ao que João Mascarenhas respondeu prontamente: “claro que não. Certo é que, no ano seguinte também a Câmara Municipal integrou no programa das festas de Colete Encarnado, a Noite da Sardinha Assada ao sábado, colocando fogareiros nas ruas”. Ainda hoje, sempre que viaja, fala da sua terra, do entusiasmo popular nas esperas de toiros e na arte de cavaleiros e matadores de toiros, seus conterrâneos. Tem levado o nome de Vila Franca de Xira pelo mundo, no seu sentido mais lato. Falou desta Cidade à beira Tejo no sul de França, em Espanha, nos Estados Unidos da América, Venezuela e, entre muitos outros países, no México, onde ainda não falha anualmente. Quando recebe os convidados, que chegaram a vir de outros países para o encontrar, realiza os tão elogiados circuitos de lazer que descreve quando viajava. Faz questão de perguntar, de forma retórica: “alguém tem esta Lezíria? Já foi o maior centro de tonelagem de tomate, era o girassol, os cereais, o melão...”, mostrando-se um acérrimo defensor da terra e como esta está totalmente vocacionada para o campo e para a criação do toiro. “Não sei viver sem estar apaixonado”, confessa, justificando esta entrega com que vive e fala sobre Vila Franca. Aprecia, igualmente, dar a conhecer a gastronomia típica e gostaria de a ver com mais expressão, diz que “está ligada à emoção”, tal como a Arte. Na sua tertúlia não hesita em cozinhar e receber bem, afinal são características de um genuíno tertuliano. Sobre o jantar das tertúlias na véspera de Colete Encarnado costuma participar, mas uma vez que o mesmo decorre à quinta-feira, as suas ausências, por vezes, devem-se à presença assídua

no Campo Pequeno. Mas gosta, sobretudo, de reunir aqueles cujo conteúdo humano lhe diz algo e tenciona viver assim mais uma edição do seu espetáculo de predileção.

Amor e respeito pela Arte Tauromáquica

Questionado se existe no universo tauromáquico uma figura que julgue contribuir mais, na sua perspetiva, para a beleza e arte tauromáquica, João Mascarenhas elege sobretudo as pessoas, defende que a matriz da pessoa pode fazer o artista e o mesmo pode perder se, enquanto ser humano, for dotado de menos valores morais. Remete-nos, com a sua explicação, para o conhecido adágio popular “a presunção é a mãe de todas as asneiras”. Talvez por essa razão embora a sua tertúlia seja uma das primeiras a ser fundada, tenha sido pouco promovida pelo próprio, pois quase nunca divulgava as figuras seletas e célebres que por ali passaram.

Quando abordado sobre a eventual integração do “1.º Tércio” na Confederação das Tertúlias do Concelho, João Mascarenhas diz que prefere “esperar para ver, já tive ocasião de falar com alguns dos promotores e disse-lhes que é necessária uma base sólida” explica, que transmita segurança no sentido de determinação nos objetivos e “na envolvimento de indivíduos que consigam contribuir” com as suas mais-valias “nas diversas vertentes que se impõem” a uma associação desta índole. Nas suas palavras despreza, por exemplo, a atribuição de nomes despidos de sentido às tertúlias criadas no Concelho. Quer com isto dizer que não encerram um significado ou léxico da cultura tauromáquica e, por conseguinte, considera excessos injustificados, sem lugar naquilo que é Património Cultural Imaterial de Interesse Municipal. Até aqui, na nomenclatura destes espaços tão particulares como são as tertúlias, há importância naquilo que é preciso passar por quem sabe: ensinar a arte e cultura taurina para que prosperem a *afición*, “o respeito pela modalidade e mais entusiasmo no público, porque não se pode amar o que se ignora”.

Texto: Ana Sofia Coelho
Fotografia: Ricardo Caetano

A photograph of Bernardo Afonso, a man in traditional Campino attire. He is wearing a green hat with a red band, a white long-sleeved shirt, a red vest with a circular emblem, and dark trousers. He is standing outdoors in a field with a wooden fence in the background. He is leaning on the fence with his left arm, and a dark jacket is draped over the fence behind him. The background shows a dry, open field under a clear blue sky.

Campino Homenageado Bernardo Afonso distinguido no sábado de Colete Encarnado

A Herdade de Pancas é um fenómeno da natureza, onde a simbiose entre a chameca e a lezíria gera uma paisagem avassaladora. Ecossistema com uma avifauna exclusiva, solos férteis a perder de vista e prolíferas explorações bovinas, é inebriante para os amantes do campo. Um regalo, mesmo para o mais arredado citadino. O Campino Homenageado do Colete Encarnado de 2014 foi concebido naquelas terras, ali nasceu e se fez homem, lá espera também morrer e gostaria de encontrar a felicidade eterna, sob o seu manto arenoso. Para Bernardo da Conceição Afonso seria o culminar de uma vida, toda ela dedicada a labutas suadas e a varadas destemidas.

“Palavra de honra, se a Sr.^a Condessa de Cabral me desse quatro metros de terra, compraria uma cova para aqui ser enterrado. Infelizmente sei que isto não é possível, mas era o que gostaria que acontecesse. Nasci no Monte Bate-Orelhas, comecei a guardar gado na Casa Conde Cabral, tenho 65 anos, não tive outro patrão e, mesmo reformado, continuo a olhar por isto e a morar cá”, adiantou o campino com expressão de grande felicidade, procurando de alguma forma explicar a sua pretensão, que, à primeira vista, é pouco ortodoxa.

Filho de campino, também funcionário da Casa Agrícola Conde Cabral, durante 40 anos, Bernardo Afonso logo ganhou o gosto pela vida do campo, dedicação aos toiros e um amor especial aos 2500 hectares do Monte Bate-Orelhas, Herdade de Pancas (Samora Correia, Benavente). O caçula da prole de nove irmãos, nascido em berço humilde, cedo teve de começar a trabalhar. À

época, a instrução não era valorizada, nem tão pouco promovida, fosse pela família, ou pela sociedade. Nos escassos dois anos que frequentou a escola em Catapereiro, apenas aprendeu a ler, após fazer cerca de 10 km a pé, (perfazendo diariamente cerca de 20 km, contabilizando a ida e a volta), “fizesse sol ou fizesse chuva”, recordou pesaroso, aquele que irá empunhar o Pampilho de Honra nos 82 anos do Colete Encarnado.

Aos nove anos de idade foi para a beira do pai, Guarda de Campo do Monte Bate-Orelhas, tomar conta de gado manso. O seu padrinho de batismo e, mais tarde de casamento, Maioral Real da Casa Conde Cabral, “foi uma pessoa a quem muito devo, porque na altura eu era Ajuda do Gado e ele estava sempre a dizer ‘vá afilhado, anda cá, põe-te a cavalo’. Foi ele que me meteu a manear o gado bravo e que me ensinou bastante, a dar boas varadas. Muitos diziam ‘chega-lhe assim, apanha assim, faz aqueloutro’.

Mas ele aconselhava 'oh afilhado quando apanhaves o toiro apanha-o, sempre do meio para a frente. Não há toiro nenhum que veja o cavalo, se o apanhaves do meio para a frente'. Foi ensinamento que nunca mais esqueci", referiu manifestamente reconhecido ao seu falecido tutor, Manuel Desterro.

Maioral Chefe aos 24 anos de idade

Quando o irmão António foi chamado para o cumprimento do serviço militar obrigatório, foi substituí-lo como Maioral do Gado Bravo. Aplicando os conhecimentos transmitidos pelos mestres, apurou a destreza, ganhou experiência e foi reconhecido como um campino a respeitar. Daí que quando regressou das obrigações militares, que se estenderam dos 21 aos 24 anos, surgiu o convite para regressar à Casa Agrícola Conde Cabral para assumir as funções de Maioral Chefe. Era o mais jovem de 12 campinos, incluindo o pai, já sexagenário. "No início tive medo dos outros mais velhos não me aceitarem, mas ao fim de um mês todos reconheceram que 'eu sabia mandar' e que os respeitava. Eu fazia assim: ia fazer uma soma de vitelos bravos e chegava ao pé do Maioral das vacas bravas e dizia 'fulano como queres fazer?'. Nunca chegava a dizer para fazer assim ou de outra maneira" concluiu o atual Encarregado do Monte Bate-Orelhas, que tem à sua guarda cerca de 170 vacas mansas.

O amor à arte de manear o gado, às lides campestres, à terra que o viu nascer, fê-lo pôr de lado a carta de condução de pesados, que à época, abria portas para boas propostas de emprego e com correspondente recompensa salarial. Dedicou-se à arte de campinar, mesmo com um diferencial salarial pouco motivador, "ganhava mais 20 ou 30 escudos que os meus colegas, mesmo sendo Maioral Chefe". Bernardo Afonso já era casado, união de onde nasceram dois rapazes, hoje adultos. Lamentavelmente nenhum quis abraçar a carreira do pai. "Um nunca ligou nada a esta vida, mas o outro é muito jeitoso. Tenho pena que pelo menos um não tenha seguido, porque naquela altura era tudo muito difícil, mas hoje esta vida é muito bonita" afirmou o patriarca da família Afonso.



A paixão deste homem sobreviveu às agruras da profissão, ultrapassou os sacrifícios que a terra exige a quem a domina para lhe extrair o sustento, resistiu às condições climáticas que obrigavam a um desgaste constante e venceu as adversidades através do seu instinto de sobrevivência aguçado, mas acima de tudo, com muita mestria na ponta da vara. O medo foi uma presença constante no seu trabalho. "Tenho medo, tenho! Mas todos os campinos têm medo e todos os toureiros têm medo. Mas temos de o vencer. A entrada de toiros em Vila Franca, com cinco toiros em pontas, com aqueles campinos todos atrás, às vezes, com cavalos que só sabem correr a direito, é ou não de valor? É um bom toureiro que entra na praça com um toiro embolado que é mais valente que os campinos? Para mim não. Quem é que não tem medo nestas situações? Por exemplo, quando estamos na Curraleta, embora eu não o faça, todos se

benzem. Eu tenho medo, e vejo de cima do cavalo, que os outros que lá estão também têm. Agora temos é que nos controlar, afinal sou um homem ou uma criança? E no fim daquilo, quando tudo acabou, já nem nos lembramos de ter medo. Assim que começa a coisa, estamos lá em cima, e já não existe medo", explicou este experiente campino.

O gravito das pontas lascadas

Não há dúvida que esta profissão é exercida em condições adversas, seja pela rudeza do trabalho, seja pelo inesperado do maneo de gado (bravo ou manso). Não há campino que no seu percurso não contabilize episódios duros, alguns até traumáticos, onde a sua vida esteve em risco. Recorda com alguma ansiedade a vez em que junto à Praça de Toiros Palha Blanco, pelo Colete Encarnado, na recolha de um toiro das esperas, foi ao chão e viu o seu cavalo a ser rasgado nas mãos e nas costelas. "O animal não se queria entregar aos cabrestos. Já estava tudo a assobiar, porque lá em Vila Franca se as coisas não forem bem feitas, é o que acontece, mas isso é a arte que assim o exige. Eu pensei 'alguém tem

de arriscar' e chamo-o, assento-lhe uma varada e fico a ver se vem atrás de mim, para dentro da Praça. Ficou quieto. No mesmo sítio. Dei a volta e chamei-o, outra vez. Quando arranca, o meu cavalo escorregou, com os dois pés de trás, e eu pensei 'já estou'. O toiro afinca uma bombada no cavalo e eu fiquei debaixo dele. Tirou-o de cima de mim, à força de lhe ir à pele. Quando chegou a mim, afincou-me também. Pisou-me o pescoço, tirou-me o colete, a cinta, fiquei com as meias lá em baixo. Só sentia o bafo dele no meu cachaço. Fiquei no chão muito quieto, porque fiquei no meu juízo perfeito. Houve uns rapazes das esperas, que no meio da confusão, me arrastaram pelos pés para junto do muro do comboio. Só aí abri os olhos. O veterinário, José Saramago, infelizmente já morreu, esteve duas horas a tratar do meu cavalo, mas só eu sei onde estão as cicatrizes. E depois veio vê-lo, até recuperar, dia sim, dia não. Um grande profissional, sem dúvida. Hoje o Cruzado Português, raça que prefiro ter ao meu serviço, com vinte anos de idade ainda vai ser a minha montada para o Colete Encarnado", confessou Bernardo Afonso, com um brilho de alegria no olhar.

Prosseguindo com o relatar do episódio recordou que "a seguir bebi um copo de tinto de um garrafão que ali estava, montei outro cavalo e continuei as esperas. Fui tratado ali mesmo pelos bombeiros na ambulância, porque havia muito sangue no meu pescoço. Ainda me lembro de sentir um frio pelas costas e de toda gente gritar 'cuidado que ele tem a cabeça partida!' Mas felizmente foi só um arranhão e de resto estava bem", concluiu orgulhoso do feito, mas visivelmente agradecido por ter afortunadamente sobrevivido à investida daquele toiro que era "um gravito muito perigoso e, ainda por cima, em pontas lascadas".

O toiro 300

Mas a boa ventura também esteve ao seu lado, quando foi apartar toiros para uma corrida em Estremoz. O Maioral da Ganadaria Conde Cabral, deu por falta do 300. "Não estava no seu campo e fomos dar com ele numa vala que estava a pique. Fui com o tratorista Zé Brissos, porque sabia que quando o animal saísse ia fazer fiasco, e com o Siopa, Maioral das Vacas Bravas. Amarrei uma saca à ponta da vara e a cavalo fui chamando-o e ele foi andando. Quando vi que ele estava para sair, amarrei o cavalo, subi ao sobreiro e fui para uma ramada que estava por cima da vala. Mas esta começou a ceder e tive de ficar caladinho que nem um rato. Os outros só gritavam para que eu chamasse o toiro. Claro que não podia. De repente arrancou e a minha sorte foi o trator. Foi-se a ele e reventou com o radiador, o filtro do gasóleo, destruiu tudo. O tratorista estava muito aflito com o prejuízo. O Siopa aos gritos 'aí que o toiro mata o Bernardo'. O Brissos só fazia era discutir com ele, porque o animal estava a desfazer a máquina. Mas, sinceramente foi a minha sorte. Depois de duas ou três horas, o toiro sempre a recuar, decidi ir embora. Ainda o recolhemos, foi para a corrida e ganhou o Prémio da Bravura e





Melhor Apresentação”, terminou sem esconder um grande orgulho no animal que ajudou a criar, no reconhecimento que ajudou a granjear para a Ganadaria Conde Cabral.

“Eu e os toiros éramos uma família, acredite-se ou não. Lembrome de morar no Espadanal, um monte cercado pela tapada dos toiros. Para sairmos tínhamos de passar por eles a pé, não havia carros na altura. Eu passava por eles, com a minha mulher e os meus filhos pequenos, e dizia ‘oi sou eu’ e eles continuavam como estavam, uns em pé e outros deitados. Estão feitos com a gente e são como nós, impacientes quando não estão bem. Só são perigosos quando estão com dores ou doentes. Aí sim, o mais provável é marrarem”.

Tudo o que é dito por este homem, com 57 anos de serviço, é pura doutrina para os profissionais do meio. Mas a sua autoridade também sai reforçada pela paixão com que fala do seu trabalho, pela postura, pela farda que enverga de forma irrepreensível. A começar pela sua camisa, bem engomada, de brancura imaculada, realçada pela tez da sua pele, bem tisonada pelo sol da Lezíria. O ferro da Casa, em prata, luzia do peito, de onde também parece sair a fluente conversa e todas as inúmeras e avivadas memórias. De onde vai também transbordar a emoção, que se irá apoderar de si, dos seus pares, no dia 5 de julho quando, do cimo da sua querida montada, receber o Pampilho de Honra. A comoção provocada por este momento acompanhará para sempre este Campino, para quem o Colete Encarnado é a única Festa onde as esperas são feitas com a “verdade dos toiros”.

Texto: Prazeres Tavares
Fotos: Vitor Cartaxo, Espólio de Ricardo Figueiredo
(Porto Alto)





Ganadaria de Fernando Palha Um Ganadero com a idade do Colete Encarnado

Ao volante do seu todo-o-terreno Fernando Palha conduz-nos por uma visita à sua propriedade e ao seu mundo. Com 82 anos e com destreza na condução mostra-nos de perto os seus toiros, trata-os pelos nomes e conhece cada um pela sua história, nascimento, problemas havidos, riscos (marcas e cicatrizes resultantes de confrontos com outros toiros no campo) e augura-lhes o destino que todo o Ganadero deseja, o sucesso e uma boa saída à praça.

Uma Ganadaria recente mas com muita história

Apesar da atual Ganadaria de Fernando Palha, sedeada na Herdade de Vil Figueiras, só existir desde 2002, resulta de uma história com mais de 50 anos. Tudo começou em 1962 quando o jovem Fernando Palha compra as primeiras vacas e começa desde logo a efetuar uma criteriosa seleção ficando apenas com as melhores, algumas adquiridas a um amigo, outras adquiridas ao seu cunhado David Ribeiro Telles e a outros *ganaderos*, com destaque para as de origem Veragua 3 Palácios.

À época na Herdade situada em Pancas, foi com receio que informou o Pai que tinha comprado gado bravo, mas ao invés da repreensão que esperava recebeu o incentivo para aumentar o efetivo. "Então mas isto não é nada, ao menos arranje umas 30" são palavras que Fernando Palha ainda hoje recorda.

Desde então o negócio foi acontecendo e a ganadaria foi crescendo, sendo que os seus toiros foram lidados em muitas praças

nacionais tendo sido até enviados para Moçambique, Angola e Macau, segundo Fernando Palha por iniciativa de Ludovino Baccatum e Manuel dos Santos.

Com a crescente vontade do seu irmão António em rumar a África, situação impensável para o patriarca da família, Fernando Palha entrega-lhe a administração da ganadaria. Com a morte do pai e a vontade do irmão em vender, Fernando Palha adquire o efetivo e transfere-o para a Quinta da Foz, onde com um novo ferro a ganadaria permanece mais 30 anos. Durante essa época os toiros da ganadaria começam a ser lidados nas praças espanholas e francesas.

O ponto de viragem para a situação atual, deu-se em 2001, quando com quase 70 anos Fernando Palha decide entregar a gestão "aos mais novos" conforme diz. Como a proposta não foi bem acolhida, decidiu adquirir mais uma vez todo o efetivo e transferi-lo para Vil Figueiras, trocando novamente de ferro, pois o ferro da Foz permanece naquela quinta. Neste local Fernando Palha começou de novo, mantendo as cores da anterior divisa da Foz,



o vermelho, ouro e a prata, cada uma com a sua simbologia, a valentia, a fortuna e a glória, acrescentou o ferro com o trevo e a cruz.

Apesar das alterações sofridas na ganadaria e nas diferentes localizações, uma coisa se mantém até à atualidade, a mesma busca pelo apuramento do encaste, que sempre o norteou. Profundo conhecedor das origens e das linhagens, Fernando Palha é perentório “O gado que eu quero criar, enquanto puder é o gado vasquenho, de origem sevilhana, da ganadaria fundada em 1730 por Vicente José Vasquez, posteriormente associada à ganadaria do Duque de Ossuna e Veragua. As diferenças de atitude dos toiros eram tão marcadas que se tornaram um caso raro. Selecionar este tipo de animais é mais uma caturrice e uma paixão que outra coisa. Mas tenho a sorte de mos comprarem”.

Como características diferenciadoras dos seus toiros, para além das mais evidentes, a pelagem malhada em diferentes cores e tonalidades do preto e branco aos castanhos e cinzentos, o *ganadero* destaca o seu porte, a sua investida alta e a sua bravura. Traços que se mantêm das origens e que levam Fernando Palha a confidenciar que “Belmonte, o maior revolucionário do toureio, não toureou nem um toiro deste encaste, pois são toiros que costumam muito a humilhar e não baixam a cabeça”.

Inserida na Sociedade Agrícola de Vil Figueiras, a ganadaria é apenas uma das vertentes do negócio, uma vez que na herdade também são criados cavalos e é produzido arroz, uma forma de garantir a sustentabilidade da empresa e de colmatar o prejuízo, pois segundo diz “é o pior negócio do mundo, porque a bem dizer um dos mais bonitos do grupo que viram foi morto à cornada anteontem, e ao meu cunhado no mesmo grupo para França já morreram 4, repare fica logo a corrida toda destroçada, era capaz de ter uns 10 ou 12 tirados e 4 já marcharam e nem sequer a carne se pode aproveitar.”

Como seu braço direito na condução dos destinos da empresa e no trabalho do dia a dia na herdade tem o seu filho Luís, o futuro, segundo diz mas ao mesmo tempo afirma que este tem mais de agricultor do que de *ganadero* pois tem apenas 50 anos, tem a perspetiva de futuro que já lhe vai faltando e a noção do risco face a situações como as referidas acima.

Tendo em atenção as dificuldades que o País atravessa, que não deixa a Festa Brava incólume, o atual efetivo da ganadaria sofreu um decréscimo, conta com três sementais e algumas dezenas de vacas de ventre localizadas em várias tapadas da herdade. “Fazemos duas ou três corridas por ano é a situação atual” diz, apesar de serem frequentes os prémios e troféus que preenchem as estantes da sua casa e que o enchem de orgulho. Sem nunca esquecer relembra com humildade “eu consigo transformar o significado (dos prémios) em gratidão, porque eu não tenho valor nenhum nisto, quem tem valor foi quem fez, e quem fez não fui eu com certeza, foram os meus anteriores, os meus avós, bisavós, mas no meu subconsciente imediatamente eu transporto

esse mérito, esse valor, esse prêmio, para aquele que fez e que partiu, porque morreram deixaram de fazer e que eu recuperei porque andei à procura e mantenho”.

Um adepto das tradições

Sendo oriundo de uma das famílias mais ligadas à Festa Brava e não estivesse a sua história de vida cruzada com a história do próprio Colete Encarnado, uma vez que tinha apenas três meses de vida quando o seu tio José Van Zeller Palha levou a cabo a 1.ª edição do evento, Fernando Palha considera-se um homem adepto das tradições, em diferentes áreas.

Esse aspeto está bem presente na opinião que emite acerca da Festa “o Colete Encarnado agora já não tem muito a ver com o Colete Encarnado do passado, antigamente os toiros vinham dos campos e eram apartados nas Cortes, tirávamos os toiros para a corrida e eram levados pelos cabrestos e pelos cavaleiros, campinos e marialvas até Vila Franca. Só isso, em que participei imensas vezes, era a paixão. Hoje em dia não acontece nada disso, os toiros são largados de uma camioneta para uma gaiola de madeira, onde se largam depois daí para cima. Tudo aquilo se vivia no campo e que eu vivi, e que posso dizer que represento, pois a primeira grande cornada num cavalo que eu tive foi numa espera num Colete Encarnado. E depois as picarias que se faziam no campo, em campo aberto, onde haviam toiros que fugiam. Eram também os varinos com as suas danças características, os seus fatos característicos e a sua melodia totalmente diferente do fandango, porque elas ao dançarem as saias das varinas parecem as ondas do mar, não tem nada a ver com o nosso fandango mas essa mistura que se fazia no mercado municipal, que aí é que eram os bailaricos, os jantares, porque era muito mais reduzido, era muito mais vivido.”

Apesar disso continua um fiel seguidor das festividades e respondendo à pergunta se colocaria toiros seus numa largada, nos moldes em que estas decorrem na atualidade responde sem hesitações “já tenho pensado imensas vezes falar com os organizadores das esperas para um ano, emprestar até toiros meus para ali, para ver como é que se comportariam, gostava de ver como é que era, pois têm um comportamento diferente dos outros, mais ligeira, mais andamento”.

Outro dos aspetos em que faz questão de fazer cumprir as tradições é na indumentária. Nas corridas o seu maioral traja sempre a rigor com a farda tradicional, uma marca distintiva principalmente nas corridas realizadas no estrangeiro “Há 2 anos mandei uma corrida a Saragoça e no final o último matador cortou as orelhas, foi buscar o maioral à trincheira e deu a volta com ele, foi vestido à portuguesa, porque era português, por conseguinte o fato dele deu um sabor enorme àquela gente que nunca tinham visto um campino de calção e meia, barrete verde, colete encarnado e cinta encarnada para eles foi um deslumbramento, é um bocadinho do meu Portugal lá fora.”

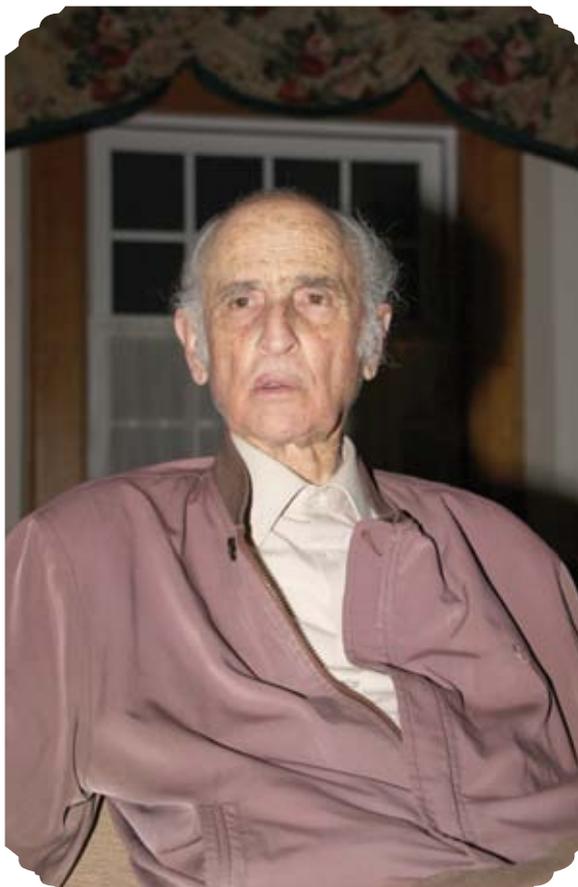


A ganadaria e a festa no futuro

Questionado acerca das perspetivas de futuro da sua ganadaria e da festa no geral Fernando Palha responde “como se diz no campo, uma frase muito engraçada - isso é fiturar, é adivinhar e fiturar é difícil.”

Afirma que com 82 anos vai conduzir a sua ganadaria até conseguir e até Deus deixar, uma vez que esse é o seu gosto, reconhecendo que no momento seguinte caberá aos seus filhos decidir o que fazer, mas apesar das dificuldades sugere um caminho – “estou convencido que será tal como aconteceu em Espanha com muita gente, porque muitos dos *ganaderos* atuais são industriais da construção civil, industriais de sapatos, são empresários de outros setores e têm outro tipo de atividades, têm outro tipo de arroz para conseguir tapar o buraco das finanças deixado pelo toiro.”

Tem esperanças na nova geração de aficionados, onde se incluem alguns dos seus netos, tem esperança que a festa se continue a afirmar através do desempenho dos seus atores, da fundamental atividade das tertúlias na divulgação dos valores tauromáquicos,



do importante papel das autarquias na manutenção das suas raízes e tradições e na contribuição da televisão e das corridas

televisionadas para levar a Festa a toda a gente, angariando assim um maior número de aficionados.

Destaca ainda a atividade da Associação de Ganaderos e da Pró-Toiro que tudo têm feito para combater as posições fundamentalistas e para “desmascarar as mentiras” dos movimentos anti-taurinos, que embora não o assustem já conseguiram impor o fim da Festa Brava na cidade de Viana do Castelo em Portugal e na cidade de Barcelona em Espanha.

Reconhecendo que com o passar dos tempos, terão de haver forçosamente adaptações e alterações, sendo disso um claro exemplo o desenvolvimento do trabalho no campo e com os toiros, com a introdução das viaturas e das novas tecnologias, obrigando a uma maior polivalência de todos, afirma que no seu entender a figura central do Colete Encarnado, o Campino deverá continuar, sempre que possível, a desempenhar a sua função da forma tradicional,

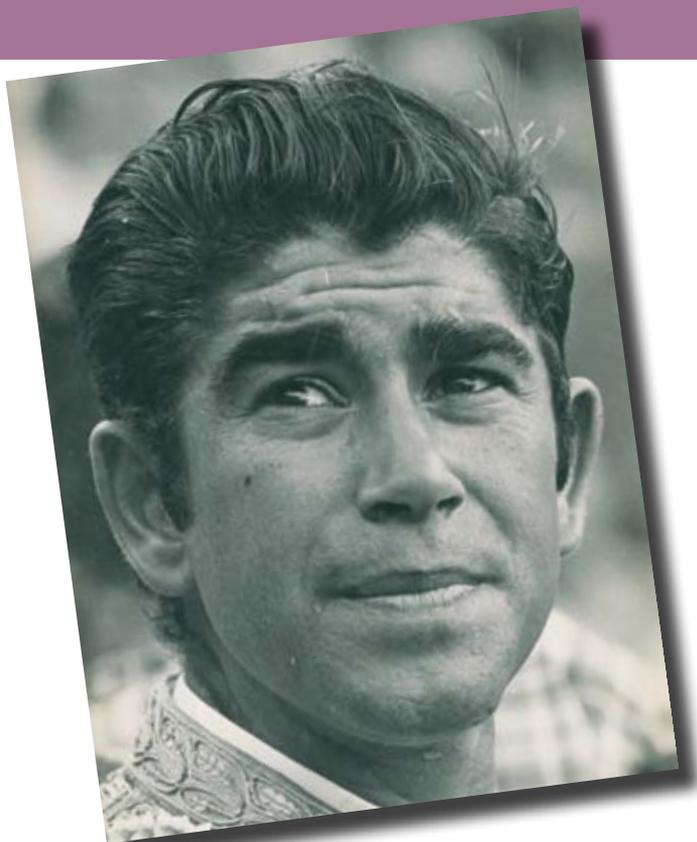
aprendendo e partilhando conhecimentos com os mais velhos e experientes “cada coisa em seu sítio”, conclui.

Texto Cláudio Lotra
Fotografia Helder Dias



Exposição

“José Falcão • 1942-1974”



Com inauguração marcada para o próximo dia 28 de junho, pelas 18h00, a Exposição “José Falcão • 1942-1974” tem lugar, até 12 de outubro, no emblemático Celeiro da Patriarcal, em Vila Franca de Xira. Integrada na 25.ª edição da Semana da Cultura Tauromáquica trata-se de uma retrospectiva biográfica de uma referência no universo taurino. Um matador de toiros que levou longe o nome de Vila Franca de Xira e que acabou por entregar a própria vida à sua arte. Assinalamos, assim, 40 anos da sua morte.

José Falcão

Nascido na primeira hora do dia 30 de agosto de 1942, em Povos, Vila Franca de Xira, José Carlos Frita Falcão cresceu num ambiente familiar rico em tradições taurinas. Ainda de tenra idade, lidava toiros imaginários em brincadeiras improvisadas.

A 8 e 10 de fevereiro de 1959, pela mão de António Cadório, José Falcão toureou nos espetáculos carnavalescos do Campo Pequeno. Em 1962, já sob a orientação dos irmãos Badajoz, apresentou-se num festival em Coruche e, a 20 de maio do mesmo ano, envergando pela primeira vez um traje de luzes, lidou reses de Rio Frio, na Praça do Montijo, tendo tido como alternantes Carlos

do Carmo, Mário António e Oscar Rosmano. Em 1963, mais precisamente a 11 de junho, alternando com José Simões, passa à categoria de novilheiro na Chamusca.

A alternativa, tomou-a a 23 de junho de 1968 das mãos de Paco Camino, na Praça de Badajoz, tendo sido sua testemunha Francisco Rivera “Paquirri”. A confirmação chegaria a 27 de julho de 1969, na Monumental de Madrid, através de Vicente Punzón, sendo testemunha Aurélio Garcia Higares. Ainda em 1969, na Praça México, confirmou a alternativa a 13 de dezembro.

Na tarde de domingo de 11 de agosto de 1974, ao lidar o toiro

Exposição
“José Falcão • 1942-1974”

“Cuchareto”, da Ganadaria Hoyo de la Gitana, um pujante e negro animal de 506 kg, José Falcão foi fatalmente colhido na perna esquerda, atingido a veia femural. No final, envolto numa sentida ovação, foi o bandarilheiro António de Jesus quem deu a volta à arena. Às 23 horas e dez minutos dessa noite o coração do Maestro bateu pela última vez.

A paixão, a entrega à arte e a humildade são apenas algumas das qualidades que apontavam no seu caráter. Uma vida que vale a

pena conhecer, pelo que não pode deixar de visitar esta exposição e ver ou reviver momentos que fizeram história.

Para o momento de abertura desta exposição está, também, prevista a atuação da fadista Margarida Arcanjo e os seus músicos: Mário Rico - guitarra acústica; Inês Santos - guitarra acústica; Gonçalo Costa - guitarra baixo; Paula Morais - percussão.

Curadores: Fátima Pires, Idalina Mesquita e João Alves Ramalho
Texto: Curadores, Osvaldo Falcão e Ana Sofia Coelho



1



2



3

1. Pormenor do Traje de “luces” que José Falcão envergava no dia da tomada da alternativa.
Alfaiataria Fermin
Madrid, 1968
Col. Particular
2. Mala de transporte da montera de José Falcão.
Col. Particular
3. Montera de José Falcão.
Alfaiataria Fermin
Madrid
Col. Particular

ESPETÁCULOS - Palco da Av. Pedro Victor

4

SEXTA-FEIRA
A partir das 23h00



**Expensive
Soul
& Jaguar Band**



**Box Band
& The Disco
Funk Project**



DJoana

5

SÁBADO
A partir das 22h30



Berg
(vencedor do programa
televisivo Factor X)



**David Antunes
& The Midnight Band**
convidada especial
Vanessa Silva



**Banda de Música
HI-FI**

6

DOMINGO
A partir das 22h00



"Raízes" Fado com Diamantina
Cante Flamenco
com Joaquim Moreno
Fadistas de Vila Franca de Xira

**Colete Encarnado
em direto na TV**
Dia 6 (domingo) . 14h00 - 20h00
"Somos Portugal"
TVI
Jardim Municipal
Constantino Palha

sábado
**Homenagem
ao Campino**

Largo
da Câmara Municipal
16h00

**Noite da Sardinha
Assada**

Ruas da Cidade
22h30

**Esperas
de Toiros**

Ruas da Cidade
sexta-feira . 18h00
sábado . 18h30
domingo . 10h30

1942 . 1974 **JOSÉ
FALCÃO**
exposição

28 junho a 12 outubro 2014
CELEIRO DA PATRIARCAL

**VILA FRANCA
DE XIRA**



Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt



www.museumunicipalvfxira.pt

ENTRADA LIVRE

